# *Capítulo 92*

# Contradições do mundo contemporâneo: a reconstrução da Europa, a ONU e a guerra fria

Em 1945, a Europa exibia as marcas da destruição. Os Aliados haviam batido as ditaduras, mas o mundo se encontrava mais dividido que nunca: o antagonismo entre os vencedores se manifestou ainda em cima das ruínas que o conflito acabava de deixar. A II Guerra Mundial, mais que a primeira, havia alterado radicalmente a correlação de forças no mundo. Alguns países estavam mais pobres, desorganizados, com graves problemas sociais.

Os grandes vencedores, no fundo, haviam sido Estados Unidos e União Soviética. Emergiam como superpotências. Em torno das duas, passaria a girar toda a política internacional, numa relação bipolar. Para conciliar os interesses em jogo, os Aliados fizeram acordos sumários, em defesa de suas *zonas de influência*. Uma espécie de partilha do mundo. Não provocou conflitos diretos entre as grandes potências, mas aumentou a tensão mundial. Tratava-se de uma *guerra fria*.

Para solucionar os problemas internacionais, fundou-se, logo depois da guerra, a *Organização das Nações Unidas* (ONU), que colecionaria sucessos e fracassos.

À Europa ocidental restava a tentativa de recuperar-se pela integração econômica.

## *1. Ganhadores e perdedores*

A característica marcante da mais terrível guerra que a humanidade conheceu foi a extraordinária movimentação das ofensivas: avanços arrasadores de alemães e japoneses no início; e dos Aliados, no fim. Outra característica: foi uma guerra de máquinas. Tanques, aviões, navios, canhões, submarinos, colunas motorizadas. A produção industrial foi vital para o êxito nas batalhas. A Alemanha saiu na frente na fabricação de armas e teve vantagem inicial. França e Inglaterra começaram com atraso. Só em 1941 a produção da Inglaterra atingiu nível à altura do inimigo; e a União Soviética se igualou também à Alemanha.

Os Estados Unidos, no auge da produção, em 1943-44, produziam um navio por dia e um avião a cada cinco minutos. Em seis anos de guerra, fabricaram 87 000 tanques; 296 000 aviões; 2,43 milhões de caminhões; e 53 milhões de tonelagens navais.

A II Guerra Mundial custou 413,25 bilhões de libras, contra 75,07 bilhões da I Guerra Mundial. Os cinco principais aliados dividiram assim os 168,25 milhões de libras que gastaram:

- Estados Unidos, 84,5;
- União Soviética, 48;
- Grã-Bretanha, 28;
- Canadá, 4;
- França, 3,75.

As potências do Eixo gastaram 105,5 milhões de libras:

- Alemanha, 68;
- Itália, 23,5;
- Japão, 14.

Nove países dividiram os lucros de 2,27 bilhões de libras em reservas de ouro. Os seis principais *ganhadores* foram (em milhões de libras):

- Estados Unidos, 1 422;
- Argentina, 230;
- África do Sul, 173,5;
- Suíça, 160,2;
- Romênia, 88;
- Brasil, 80,5.

Os *perdedores* de reservas de ouro foram (em milhões de libras):

- Grã-Bretanha, 5;
- Noruega, 5;
- Tchecoslováquia, 5,5;
- Itália, 25;
- Canadá, 46,25;
- Japão, 62,5;
- Holanda, 182;
- França, 335.

É difícil calcular as perdas humanas. Algumas fontes chegam a falar em 50 milhões de mortos. O número mínimo chegaria a 37,6 milhões. Os doze países mais sacrificados foram:

- União Soviética, 20 milhões;
- Polônia, 4,32 milhões;
- Alemanha, 4,2 milhões;
- China, 2,2 milhões;
- Iugoslávia, 1,7 milhão;
- Japão, 1,2 milhão;
- França, 600 000;
- Romênia, 460 000;
- Hungria, 420 000;
- Itália, 410 000;
- Estados Unidos, 406 000;
- Grã-Bretanha, 388 000.

Morreram, proporcionalmente, mais civis que militares. A guerra mecanizada, de movimentos rápidos, fez mais prisioneiros que mortos entre os militares, enquanto os bombardeios aéreos dizimaram populações inteiras. Além disso, houve os campos de concentração, com o extermínio de membros da resistência, comunistas, liberais e 5,9 milhões de judeus: um dos maiores genocídios da humanidade. Eles foram vítimas da paranóia anti-semita de Hitler e dos ideólogos nazistas, que os responsabilizavam pelo caos em que a Alemanha vivia depois da Grande Guerra e dos tratados de paz.

O grande teórico do anti-semitismo foi Alfred Rosenberg; Josef Goebbels, ministro da Propaganda, o maior divulgador. As leis contra os judeus cresceram à medida que os nazistas se aproximavam do poder. Com a guerra, eles passaram ao extermínio, de acordo com planos científicos. Os cálculos oficiais, entre 5 e 6 milhões de mortos, não incluem aqueles que morreram nos guetos, de fome e de doenças. O nazismo eliminou dois em cada três judeus da Europa, por ódio racista ou simplesmente para diminuir o número de bocas a alimentar. No campo de Auschwitz, em apenas três dias, assassinaram e cremaram 22 000 judeus. Dachau, Treblinka e Buchenwald são outros nomes de campos de concentração que lembram o horror do regime nazista.

Entre os que saíram ganhando com a guerra, pode-se citar a Argentina, a quem a Inglaterra, obrigada a liquidar seus débitos no exterior, pagou 126 milhões de libras, cedendo sua parte nas sociedades de estradas de ferro e de construção hidrelétrica. Até à Índia, sua antiga colônia, os ingleses ficaram devendo. Um exemplo de enriquecimento provocado pela guerra é o Canadá. Produziu 16 000 aviões e 3 milhões de toneladas de navios, para ajudar os ingleses. Em poucos anos, instalou sua indústria de alumínio e implantou indústrias para usar níquel e cromo; dobrou sua produção de aço.

Os maiores beneficiados, os Estados Unidos, dobraram sua produção industrial entre 1939 e 1945. A aeronáutica passou a liderar a indústria americana. Os setores têxtil e químico se livraram da concorrência européia. Os americanos gastaram 300 milhões de dólares e sua produção industrial cresceu 75%; a produção de trigo, 25%. No fim da guerra, estavam com superávit na balança comercial de 11 bilhões de dólares e concentravam 80% das reservas mundiais de ouro.

## 2. *A Europa se reorganiza*

Depois da guerra, seguiu-se grave crise moral, a sensação de vazio e a falta de orientação. Uma atmosfera de desespero dominava a Europa, sobretudo os países vencidos. O cinema neo-realista italiano traduziu essa angústia, a imobilidade de um mundo sem esperança, em filmes célebres, como *Roma, Cidade Aberta*, de Roberto Rosselini, e *Ladrões de Bicicletas*, de Vittorio de Sica.

As negociações entre os Aliados para regularizar a situação mundial começaram antes do fim do conflito. Em 1941, quando se encontraram a bordo do navio *Augusta*, Churchill e Roosevelt haviam elaborado a *Carta do Atlântico*, em que declaravam seu desinteresse por ampliações territoriais e defendiam o princípio da autodeterminação dos povos, o que lembrava o texto de Woodrow Wilson nos *Catorze Pontos*, de 1918.

Os destinos da Europa foram regulados no decurso de três conferências entre Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra, os *três grandes*:

1. A Alemanha se enfraquecia no fim de 1943. Chantageando com a possibilidade de uma paz em separado com ela, Stálin tinha trunfos poderosos para impor seus pontos de vista. Na *Conferência de Teerã* (28-29 de novembro de 1943), Roosevelt, Stálin e Churchill definiram a fronteira da Polônia em relação à União Soviética, garantiram a esta a anexação dos países bálticos e projetaram a divisão da Alemanha em vários Estados.

2. Os contatos entre os Aliados se multiplicaram.

Vendo próxima a derrota alemã, os três grandes se reuniram de novo na *Conferência de Yalta* (4-11 de fevereiro de 1945). Stálin se beneficiou do rápido avanço soviético. Os três anunciaram princípios gerais, como a autodeterminação dos países e a democratização, sem definir qual democracia. Privada de governo, a Alemanha seria dividida em zonas de ocupação, bem como a Áustria; o Ocidente admitiu a instalação do governo socialista de Tito na Iugoslávia; a Polônia perdia regiões conquistadas à Rússia em 1921 e recebia compensações em direção ao Rio Oder; os soviéticos se comprometiam a guerrear o Japão em troca de Port-Arthur, sul das ilhas Sakhalinas e ilhas Kurilas.

3. Finda a guerra, parecia muito alto o preço pago aos soviéticos. Em clima de tensão, reuniu-se a *Conferência de Potsdam* (de 17 de julho a 2 de agosto de 1945), agora com Truman, Stálin e Churchill. Os soviéticos haviam ocupado a maior parte da Europa central; não queriam que o Ocidente se envolvesse na reorganização política da região. O Ocidente não queria que a União Soviética se intrometesse nas questões mediterrâneas e africanas. A Alemanha foi dividida em zonas de influência, dadas a americanos, soviéticos, ingleses e franceses. Berlim, a capital, que ficava no setor soviético, foi igualmente dividida em quatro partes. Os vencedores impuseram aos alemães uma reparação de guerra de 20 bilhões de dólares: 50% para a URSS, 14% para a Grã-Bretanha, 12,5% para os Estados Unidos e 10% para a França. A indústria bélica alemã foi amputada, a produção de aço limitada e certas fábricas desmontadas em favor dos Aliados. Os principais chefes alemães seriam julgados, para desnazificar o país.

Durante 218 dias, a partir de novembro de 1945, dirigido por quatro juízes, um de cada nação aliada, o *Tribunal de Nuremberg* julgou 199 homens. Havia líderes e comandantes militares, como Doenitz, Keitel, Jodl, Raeder; membros do Partido Nazista, como Rosenberg, Streicher, Ribbentrop, Schirach, Hess e a grande estrela, Goering; funcionários públicos, como Schacht, Von Papen, Speer; responsáveis por extermínios em massa e organização de trabalhos forçados, como Sauckel, Kaltenbrunner e o carniceiro dos judeus de Cracóvia, Hans Frank.

Três foram inocentados: Hans Fritzsche, propagandista de rádio; Von Papen, chanceler que facilitou a ascensão de Hitler; e Schacht, o gênio das finanças. Onze foram condenados à morte, inclusive Goering, que se matou na prisão tomando uma cápsula de cianeto. Os corpos foram cremados; as cinzas, jogadas num rio. Os demais sofreram penas diversas.

Muitos criminosos nazistas fugiram para países latino-americanos. Um comando israelense capturou o carrasco Adolf Eichman na Argentina e o levou para Israel, onde o condenaram à morte em 1961. Franz Stangl, chefe dos campos de concentração de Sobibor e Treblinka, foi encontrado trabalhando numa fábrica da Volkswagen, em São Paulo, e extraditado para a Alemanha em 1967. O médico Josef Mengele, carrasco apelidado de *Anjo da Morte*, parece ter vivido no Paraguai e em São Paulo, entre a década de 1960 e até 1979, ano de sua morte, comprovada em 1985. Era apontado como responsável pela morte de 400 000 pessoas, entre as quais 150 000 crianças, que submetia a experiências monstruosas.

Os vencedores assinaram tratados em separado com os Aliados da Alemanha. Mas o novo mapa político da Europa resultou não de negociações, e sim da situação estabelecida pelo conflito. O continente ficou claramente rachado em duas partes, que correspondiam ao limite do avanço de tropas sobre a Alemanha. Em princípio, no Ocidente dominavam democracias liberais, com as exceções das ditaduras em Portugal e Espanha; no lado soviético, preponderavam democracias populares socialistas, mas havia repúblicas liberais como a Tchecoslováquia.

A Itália cedeu a Ístria e a ilha de Rhodes à Grécia, que também recuperou a Trácia da Bulgária. A Romênia cedeu a Dobruja para a Bulgária e a Transilvânia para a Hungria. Hungria e Bulgária voltaram então às suas fronteiras de 1920. A Finlândia cedeu a Carélia à URSS. O tratado com a Áustria só saiu em 1955: ela voltou às fronteiras de 1919 e ficou proibida de integrar-se à Alemanha.

O Japão assinou o Tratado de São Francisco com os Estados Unidos e seus aliados, menos URSS, e perdeu a maioria das regiões conquistadas. O imperador Hiroíto conservou seu papel religioso, mas os americanos impuseram o fim do autoritarismo. Os grandes cartéis (*zaibatsus*) foram desmantelados até 1947. A indústria pesada

sofreu restrições. O estoque de matérias-primas foi distribuído aos vizinhos espoliados pelo Japão, como China e Filipinas, o que resultou numa queda de 80% da produção.

Depois de 1947, os americanos reviram as imposições, de modo a tornar o Japão uma barreira ao avanço do comunismo na Ásia. Até 1950, o país receberia ajuda financeira de 2,5 bilhões de dólares, além de matérias-primas.

## 3. Surge a ONU

A Sociedade das Nações não impediu a II Guerra Mundial, mas continuou viva a esperança de que um organismo internacional, com força militar, passasse a evitar conflitos pela mediação de todos os países do mundo. Numa reunião em Washington, em 1942, compareceram representantes de 26 nações unidas, daí o nome de Organização das Nações Unidas, a ONU. Diplomatas americanos, ingleses, soviéticos e chineses elaboraram o primeiro projeto da entidade, incentivados por Roosevelt. Representantes de 50 Estados discutiram amplamente o projeto em 1945 em San Francisco, Estados Unidos.

A primeira sessão da ONU, realizada em Londres em janeiro e fevereiro de 1946, criou as principais divisões dessa organização e elegeu o primeiro secretário-geral, Trygve Lie, ministro das Relações Exteriores da Noruega. A sede oficial passou a ser Nova York.

A ONU compreende seis órgãos principais:

1. *Conselho de Segurança*, composto por cinco membros permanentes com direito a veto (China, Estados Unidos, Rússia, Grã-Bretanha e França) e dez indicados pela Assembléia Geral para um período de dois anos. É o órgão mais importante, pois lhe cabe o principal objetivo: a paz. O Conselho pode propor acordos ou decidir-se pela intervenção armada.

2. *Assembléia Geral*, na qual cada um tem direito a um voto. Discute assuntos relacionados com a segurança e o bem-estar da humanidade. O presidente é eleito anualmente.

3. *Conselho de Tutela*, que protege povos sem governo próprio. Composto por membros dos territórios administrados pela ONU, do Conselho de Segurança e outros, eleitos pela Assembléia Geral.

4. *Secretariado*, de caráter administrativo fundamental. Seu chefe é o secretário-geral, eleito pelo Conselho de Segurança e aprovado pela Assembléia Geral, para um prazo de cinco anos com direito a reeleição.

5. *Corte Internacional de Justiça*, composta por quinze juízes que se tornam independentes depois de eleitos pelo Conselho de Segurança e pela Assembléia Geral. Estabelece princípios de direito universais e resolve conflitos legais.

6. *Conselho Econômico e Social*, departamento executivo para assuntos não-políticos. A principal finalidade é promover o bem-estar econômico e social das populações. A Assembléia Geral elege seus 54 membros. Atua através de comitês: *Comissão dos Direitos Humanos*, que redigiu em 1948 a Declaração Universal dos Direitos Humanos; *Comissão dos Estatutos da Mulher*, que busca a igualdade de direitos entre os sexos; *Comissão para o Desenvolvimento Social*, que previne crimes, assiste menores e reeduca marginais; *Comissão de Entorpecentes*, que controla o comércio de drogas perigosas; *Comissão Populacional*, que avalia o crescimento da população mundial; *Comissão de Estatística*, que reúne dados para o estudo da situação mundial. Há comissões para cada região do planeta e órgãos de assistência à infância, como o *Unicef*.

Importantes *agências especializadas* também integram a ONU, como: *Unesco*, para a Educação, Ciência e Cultura; *FAO*, para Alimentação e Agricultura; *OMS*, para a Saúde; *OIT*, para o Trabalho; *GATT*, Acordo Geral de Tarifas e Comércio; *IAEA*, para Energia Atômica; *AID*, para o Desenvolvimento; *BIRD*, Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento; *IFC*, Corporação Financeira Internacional; e *FMI*, Fundo Monetário Internacional.

## 4. A guerra fria

Para compreender a ação da ONU, é preciso lembrar que, com o fim da II Guerra, o equilíbrio

de forças internacionais passou a depender de uma política de blocos rivais, encabeçados por duas grandes potências, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e Estados Unidos da América.

Mal acabou o conflito, os aliados se tornaram inimigos. Os ocidentais buscavam conter a expansão soviética, tentando ganhar posições no centro europeu e nos Bálcãs, para isolar a URSS e seus *satélites*.

Quando o presidente americano Harry Truman lançou bombas atômicas sobre um Japão vencido, tinha acima de tudo finalidade política: exibir aos comunistas poderio militar e preservar a hegemonia dos Estados Unidos. Era inevitável que a URSS se preocupasse com sua segurança e intensificasse a intervenção em assuntos internos de países com posição estratégica.

No início, a guerra fria também se chamava *Doutrina Truman*, pois seus princípios foram estabelecidos durante o governo Truman, anunciados pelo secretário de Estado, general Marshall, e idealizados pelo subsecretário Dean Acheson. A doutrina dava sinais de que os EUA se preparavam para assumir a liderança do capitalismo, em defesa deste sistema; mostrava a confiança dos americanos em seu poderio militar; e dava à opinião pública uma satisfação: a URSS estava sendo contida.

A finalidade básica era impedir novos conflitos entre países capitalistas, garantindo a supremacia americana em termos mundiais. Estava implícito um comprometimento político e militar com os países capitalistas, que resultaria na formação da OTAN — Organização do Tratado do Atlântico Norte, composta por EUA, Canadá, Europa ocidental, Grécia e Turquia.

O resultado da doutrina: as fronteiras européias tornaram-se rígidas e os EUA passaram a intervir cada vez mais em questões internacionais.

## 5. A Guerra da Coréia

Um dos conflitos típicos da guerra fria foi a Guerra da Coréia.

Durante a II Guerra Mundial, a Coréia estava ocupada pelo Japão. Derrotado na guerra, o Japão se retirou. O Partido Comunista da Coréia, apoiado pela URSS e por comunistas chineses, estabeleceu-se ao norte. Ao mesmo tempo, forças políticas alinhadas com os EUA formaram um governo no sul. Diante disso, em 1948 foi formalizada uma divisão do país em dois, a República Democrática Popular da Coréia (ou Coréia do Norte), com capital em Pyongyang, e a República da Coréia (ou Coréia do Sul), com capital em Seul.

Em 1950, os comunistas do norte avaliaram que tinham condições de unificar o país pela força e invadiram o sul. A ONU condenou a agressão e, com sua aprovação e em seu nome, os Estados Unidos foram em socorro de seu aliado, forçando os comunistas a recuar até a fronteira com a China. Desta vez foram os chineses, que desde 1949 eram governados pelo Partido Comunista, que entraram na luta a favor de seus amigos do norte. A ofensiva da China foi extremamente rápida, conseguindo ocupar todo o país, inclusive a capital Seul.

Uma nova ofensiva dos americanos, agora bem mais articulados e organizados, forçou norte-coreanos e chineses a recuar até o paralelo 38, que já era o limite divisório dos dois países.

Essa divisão tornou-se permanente com a trégua assinada em 1953, pondo fim à guerra. No início da década de 90, intensificaram-se as negociações entre as duas Coréias, visando unificar o país, a exemplo do que ocorreu com as duas Alemanhas.

## 6. A ONU em ação

A ONU teve sucesso parcial em seus dois objetivos principais: promover a paz e o progresso. Evitou guerras e protegeu novos Estados surgidos com a descolonização na África e na Ásia. Mas as grandes potências sempre atrapalharam sua ação; com poder de veto, impediam toda medida com a qual não concordassem. EUA e aliados procuravam fortalecer a Assembléia, onde tinham maioria de votos. A URSS procurava fortalecer o Conselho, usando o direito de veto sistematicamente. Em questões coloniais, as duas sempre se uniam como campeãs das forças anticolonialistas: procuravam ocupar os espaços deixados pelos europeus.

A composição da Assembléia mudou bastante com a entrada maciça de afro-asiáticos na ONU. Ameaçados pelos países pobres, os EUA trataram de fortalecer o Conselho.

Um momento crítico para a ONU foi a crise da Alemanha, entre 1948 e 1949. EUA, Inglaterra e França decidiram reunir as zonas ocupadas por

eles, criar uma Assembléia Constituinte e formar um Conselho de Segurança Aliado, para desmilitarizar toda a área. A URSS se opôs e passou a impedir a ligação do lado ocidental de Berlim com o lado oriental, sob seu controle. Formou-se um *corredor aéreo* para abastecer Berlim Ocidental.

## 7. A Europa se reconstrói

Devastada, com a economia caótica, os impérios coloniais consumidos, sem víveres, dinheiro, combustível e matéria-prima, a Europa enfrentava cada vez mais manifestações de contestação ao sistema capitalista. Percebendo que estavam intimamente ligados aos europeus, os americanos saíram do isolamento, em defesa de seus interesses.

Em 5 de junho de 1947, o general Marshall, chefe do estado-maior do exército americano na II Guerra, discursando na Universidade de Harvard, reafirmou: os Estados Unidos precisavam colaborar firmemente na recuperação da Europa. Lançava assim o *Plano Marshall*, assinado em abril de 1948 por Harry Truman, quando aprovou a Lei de Ajuda ao Exterior, no valor de 17 bilhões de dólares, concedidos até 1952.

Os mais beneficiados foram (em milhões de dólares):

- Inglaterra, 3 176;
- França, 2 706;
- Itália, 1 474;
- Alemanha, 1 389.

A injeção de recursos beneficiou a Europa mas, sobretudo, aos EUA, que mantiveram o ritmo de suas exportações e consolidaram sua posição no Velho Continente. Primeiro, o plano privilegiou o fornecimento de alimentos, rações e fertilizantes, para aumentar a produtividade agrícola. Depois, matérias-primas e produtos semi-industrializados, maquinaria, veículos e combustíveis.

Os credores compravam dos Estados Unidos 70% dos bens, entre os quais a quase totalidade dos veículos e máquinas, beneficiando intensamente a economia americana. Em dois anos, a produtividade aumentou 25% em todos os países, ultrapassando os níveis de 1938. Em 1952, o ritmo começou a declinar.

Por essa época, a ratificação da OTAN transferiu a ênfase da segurança econômica para a militar; estava completada a fase de instalação dos capitais americanos na Europa. A recuperação possibilitava às próprias nações garantir sua defesa, o que contribuía para a segurança do sistema dos americanos. Mas não significava para a Europa a recuperação do prestígio; com sua política, os Estados Unidos visavam garantir a exportação de seus excedentes e concretizar a hegemonia econômica sobre a Europa.

A França se recuperou, pois além do Plano Marshall elaborou o seu, o *Plano Monnet*, que pretendia disciplinar os investimentos e sanear a moeda. A Inglaterra, à custa de sacrifícios e disciplina, também se recuperou, mas perdeu a importância. A Itália atacou prioritariamente o atraso do sul e a carência de energia e também logo superou os problemas produzidos pela guerra.

## 8. A Europa se integra

O Plano Marshall facilitou a integração econômica da Europa. Em 1948, foi criada a Benelux, união alfandegária entre Bélgica, Holanda e Luxemburgo. Em 1950, surge a União Européia de Pagamentos, para facilitar o comércio entre os membros da OECE — Organização Européia de Cooperação Econômica. Mais um ano e nasce a Comunidade Européia do Carvão e do Aço — CECA, formada pelo interesse da França e da Alemanha em explorar racionalmente seus recursos. O sucesso desses organismos estimulou a criação da Euratom, Comunidade Atômica Européia; e do mais importante dos organismos, a CEE, Comunidade Econômica Européia, ou *Mercado Comum Europeu* (MCE).

Instituído em 1957, o MCE abrangia Alemanha Ocidental, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo. Em 1973, entraram Dinamarca, Grã-Bretanha e Irlanda; em 1981, Grécia; em 1986, Portugal e Espanha. O MCE atingiu em 1968 um de seus principais objetivos: a eliminação de alfândegas entre os países-membros. Na década seguinte, surgiram dificuldades, gradativamente superadas. Foram proveitosos:

- Convenção de Laomé, acordo com 46 países da África em 1975;
- acordo comercial com Argélia, Marrocos e Tunísia;
- acordos têxteis com Índia, Paquistão, Japão e Hong Kong.

Mas os acordos com Israel indispuseram o MCE com os árabes.

O ritmo da integração se acelerou em 1979 com a criação de um Parlamento Europeu e de uma Corte de Justiça. A criação da moeda do Sistema Monetário Europeu revelava-se alternativa estável para as flutuações do dólar. Caminhava-se para a criação de um único e grande mercado de 320 milhões de consumidores.

## 9. *As últimas décadas*

Extraordinário desenvolvimento industrial, problemas sociais no campo, guinada dos socialistas para o centro: eis algumas tendências observadas na Europa ocidental nas últimas décadas do século XX.

1. *Tendências econômicas* — Nos anos de 1960, já era evidente a recuperação européia. Reinava euforia, salvo nas camadas médias, um tanto inquietas. A renda crescia e a Europa enriquecida ocupava lugar privilegiado entre os cinco continentes.

   O crescimento das reservas de ouro, sinal de bom desempenho na balança comercial, ampliou os investimentos, em benefício da agricultura. Países como Alemanha, Suíça e Inglaterra completavam suas necessidades alimentares comprando produtos da Holanda, França ou Dinamarca.

   Pode-se considerar extraordinário o surto industrial. A Alemanha equilibrou sua balança comercial: um caso excepcional de crescimento. Mesmo na desfavorecida Itália, sem recursos em matérias-primas, floresceu a indústria pesada; mais de 60% de seus recursos econômicos derivam da atividade industrial.

   Em alguns setores, a Europa ocidental cresceu mais que as duas superpotências, sem ter as mesmas condições econômicas. A Alemanha, por exemplo, manteve taxas de 8,5% de crescimento anual, mais que a URSS. Na indústria pesada, o ritmo não acompanhou o dos países socialistas, mas na indústria leve os avanços foram grandes.

   Claro que houve disparidades regionais. Na década de 1960, um suíço tinha renda *per capita* cinco vezes maior que um português; Alemanha, Inglaterra, França e Bélgica sozinhas forneciam 96% do carvão europeu ocidental e usavam 64% da energia elétrica disponível.

2. *Tendências sociais* — O crescimento não eliminou o desemprego. Tornou-se grave o problema dos trabalhadores agrícolas, com sobra de mão-de-obra nalguns países e falta noutros. A mecanização faz diminuir a necessidade de trabalhadores rurais. Na França, a situação é séria. A existência de pequenas propriedades obriga o produtor a uma forma de vida limitada. Aumentar o tamanho das terras significaria privar do trabalho um bom número de agricultores.

   Outro fenômeno marcante é o superdimensionamento do setor de serviços (setor terciário), não diretamente ligado à agricultura ou indústria. São comerciantes, bancários, empregados em transportes ou serviços públicos. Eles representam 25% da população empregada na Inglaterra, Bélgica, Holanda e Suíça.

3. *Tendências políticas* — O progresso do pós-guerra absorveu trabalhadores na indústria e os acomodou politicamente em países como Alemanha e Inglaterra. Mas as camadas médias, particularmente pequenos comerciantes e camponeses independentes, sentiram-se ameaçados. Surgiu um antagonismo em relação aos industriários e um movimento de defesa da classe média.

   Os países da Europa oriental dominados pelos alemães se libertaram sob o signo da democracia socialista e, na época, esse tipo de regime ganhou enorme prestígio. Dez anos depois, porém, era para a direita que tendia a Europa ocidental. Isto explica o domínio de conservadores na Alemanha, como Konrad Adenauer e Ludwig Erhard, do Partido Democrata-Cristão. O conservadorismo decorria da inquietação da classe média.

   Já os socialistas iam perdendo combatividade, à medida que seus adeptos se integravam, enquanto o medo ao comunismo limitava as reivindicações mais extremadas. A tendência dominante, pois, foi o socialismo aproximar-se do centro, contribuindo para a preponderância da maioria indiferenciada, de orientação mais conservadora.

   Em Portugal ocorreu um dos movimentos políticos mais importantes dos últimos tempos:

a queda do regime salazarista. Implantado em 1932, foi destruído pela *Revolução dos Cravos* em 1974. A agonia do regime começou na década de 1960, com a emancipação das colônias africanas. As guerras coloniais exauriram a economia de Portugal; a inflação subiu; o país ficou endividado. Salazar sofreu um colapso cardíaco em 1968 e passou o governo ao ex-ministro de Ultramar Marcelo Caetano, efetivado com a morte do ditador em 1970. A liquidação do regime veio de dentro do exército, sob a liderança dos capitães, saudados pelo povo com entusiasmo.

Em 1975, todos os territórios africanos sob domínio português tinham alcançado a independência. Em março, o general Spínola tentou um golpe de direita. A economia quase parou, com a tomada de terras, ocupação de empresas, estatização de bancos, a fuga de empresários. Em novembro, nova tentativa de golpe, de esquerda. Os militares esquerdistas foram afastados e o país se orientou pelo Partido Socialista liderado por Mário Soares. A partir de 1982, reabriram-se as possibilidades para a iniciativa privada; diversas empresas foram desestatizadas.

Na Espanha, o regime franquista, estabelecido em 1939 com o fim da Guerra Civil, deu sinais de desgaste com as manifestações da oposição entre 1966 e 1968, por meio do movimento estudantil e de greves operárias. Morto Francisco Franco em 1975, o poder passou ao sucessor por ele indicado, o príncipe Juan Carlos de Bourbon, coroado rei da Espanha. Em 1977, todos os partidos foram legalizados. Os comunistas venceram as eleições sindicais e o Partido Comunista abandonou três das principais teses de Lênin: a ditadura do proletariado, a idéia de revolução mundial e o centralismo democrático. Em 1981, a democracia espanhola sofreu um abalo com a tentativa de golpe do coronel Tejero Molina. Vários oficiais envolvidos no ato foram condenados.

Depois da extraordinária vitória do Partido Socialista-Operário Espanhol (PSOE) em 1982, seu líder Filipe González foi escolhido primeiro-ministro, e a Espanha entrou para o grupo de países europeus governados por socialistas, como o Portugal de Mário Soares e a França de François Miterrand. Um problema continuaria insolúvel: o movimento separatista basco, que se manifesta por atentados mortais, apesar da pré-autonomia concedida ao País Basco em 1978.

Integrados ao Mercado Comum Europeu, Portugal e Espanha rumariam para o fim do século XX com excelentes perspectivas de prosperidade. A inversão da corrente migratória, com a ida de milhares de brasileiros ou descendentes de portugueses do Brasil para Portugal confirma a situação. E Portugal se transforma em alternativa para a aproximação do Brasil com o MCE.

O período que vai da guerra ao fim do século XX seria trilhado pelo Brasil através de um caminho ainda mais recheado de obstáculos do que aquele percorrido pela Europa Ocidental.

# Questões propostas

1. Resuma: o balanço da II Guerra Mundial.

2. O que aconteceu com as pessoas no fim da guerra? Que forma artística traduziu isto? Dê exemplos.

3. Resuma as três conferências em que os *três grandes* trataram da reordenação mundial, ainda antes do fim da guerra: Teerã, Yalta e Potsdam. O que aconteceu com os criminosos de guerra nazistas?

4. O que os tratados do pós-guerra, em síntese, fizeram com a Europa? O que estabeleceu o Tratado de São Francisco? Por que ele foi revisto logo a seguir?

5. Como surgiu a ONU? Quais os seus dois órgãos mais importantes?

6. O que foi a guerra fria? Comente.

7. O que foi o Plano Marshall? O que ele teve a ver com a integração econômica européia?

8. Resuma: o panorama social, político e econômico da Europa ocidental na década de 1960.

9. Que rumo tomaram Portugal e Espanha?